

O PREFÁCIO DE *AB URBE CONDITA* DE TITO LÍVIO E A TRADIÇÃO HISTORIOGRÁFICA GREGA

THE PREFACE OF AB URBE CONDITA BY LIVY AND THE GREEK HISTORIOGRAPHIC TRADITION

Denis Renan Correa¹

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Resumo: O texto aborda o prefácio de *Ab Urbe Condita* por Tito Lívio, como forma de diálogo e emulação com a tradição da historiografia grega. O prefácio enquanto peça introdutória da historiografia antiga segue uma estrutura característica que estabelece o escopo e a ênfase da obra de acordo com diferentes critérios históricos. Tito Lívio dialoga com esta tradição ao mesmo tempo em que inova ao oferecer uma dimensão própria da sua obra na sua intertextualidade agonística com a tradição precedente.

Palavras-chave: Historiografia Antiga; Tito Lívio; Intertextualidade Agonística.

Abstract: This text approaches the Preface of *Ab Urbe Condita* by Livy as a discussion and emulation with Greek historiographical tradition. The preface is an introductory piece from ancient historiography that follows a given pattern which establishes the scope and emphasis of the work accordingly with different historical criteria. Livy dialogues with such tradition at the same time in which he innovates by offering his own dimension for his work through agonistic intertextuality with the precedent tradition.

Keywords: Ancient Historiography; Livy; Agonistic Intertextuality

¹ Mestre em História pela UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), doutorando em Estudos Clássicos pela Universidade de Coimbra e Professor Adjunto do curso de Licenciatura em História da UFRB (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia). Contato: tecnocaos@gmail.com.

[historia] est enim proxima poetis et quodammodo carmen solutum, et scribitur ad narrandum non ad probandum, totumque opus non ad actum rei pugnamque praesentem, sed ad memoriam posteritatis et ingenii famam componitur.

A história é, de fato, próxima aos poetas e, em certa medida, um poema em prosa escrito para narrar e não para convencer; de todo um trabalho não para uma ação disputada no presente, mas para a memória da posteridade e para a fama do gênio do escritor²

Quintiliano, *Institutio Oratoria*, (Livro 10, Capítulo 1.31)

Introdução

Entre os cânones literários da historiografia grega do séc. V – especialmente Hecateu de Mileto, Heródoto de Halicarnasso e Tucídides de Atenas – encontra-se uma estrutura de prefácio que desde as primeiras linhas do texto estabelece o escopo e a ênfase da obra de acordo com critérios relevantes da historiografia antiga nas suas dimensões investigativa e narrativa. Através destes critérios, o historiador antigo estabelece sua autoridade para relatar eventos passados, construindo tal autoridade em intertextualidade constante com a tradição historiográfica que lhe antecede. O objetivo deste texto é analisar como a obra *Ab Urbe Condita* de Tito Lívio se situa nesta tradição historiográfica e estabelece a autoridade do seu relato no seu *Praefatio*. Vários aspectos deste tema já foram abordados em outros estudos,³ mas o objetivo aqui é a intertextualidade no interior da tradição no que tange aos critérios de pensamento histórico da obra.

Segundo R. M. Ogilvie (1965, 23) o modelo de prefácio dos historiadores do séc. V já havia sido canonizado tão cedo quanto no séc. IV, sendo adotado posteriormente pela historiografia romana com modificações. O cânone do séc. V era tão influente que Quintiliano (*Institutio Oratoria*, 10.1.101) compara Tito Lívio com Heródoto, e Salústio com Tucídides. Considerando tal contexto, este estudo adotou três constrações para o estudo do tema. Primeiro, não se dispõe dos prefácios de muitas obras historiográficas gregas e romanas com as quais

² Todas as citações de obras antigas são de minha autoria, para facilitar o destaque de aspectos do texto na análise. Para consulta, utilizei as edições e estudos mencionados na bibliografia final.

³ Para bibliografia extensa de análises do *Praefatio* de Tito Lívio ver MOLES, John, *Livy's Preface, Proceedings of the Cambridge Philological Society*, v. 39 1994, p. 141. e BURTON, Paul J., *Livy's Preface and its Historical Context*, *Scholium*, v. 17, 2008, p. 70.

Tito Lívio esteve em contato, de forma que o modelo do séc. V se impõe tanto pela relevância na tradição quanto por se tratar do corpo documental mais antigo e coeso disponível para comparação, ainda que exista diferenças consideráveis entre este modelo e o romano, como se verá abaixo. Além disso, dentre as obras que sobreviveram na modernidade, há modelos alternativos que visivelmente não foram seguidos por Tito Lívio, como exemplo mais relevante a *continuação*, inaugurada por Xenofonte quando enceta sua *Helênica* com um atípico μετὰ δὲ ταῦτα para narrar os eventos imediatamente a partir do ponto no qual Tucídides interrompe sua narrativa.⁴

A segunda constrição consiste na prioridade dada à intertextualidade com Salústio, sem ignorar a existência de outras vertentes de influência,⁵ mas deixando-as de lado por enquanto. A terceira constrição consiste no debate em torno da datação dos primeiros livros de *Ab Urbe Condita* e sua relação com o Principado de Augusto. Woodman (1988: 132-140) defendeu que a obra inicia com uma postura pessimista em relação à Guerra Civil entre os herdeiros de César, mas adquire com o tempo um tom mais positivo no qual Augusto representa o fim do declínio e a renovação de Roma. Em oposição a este argumento, P. J. Burton (2008: 71-88) nega qualquer relação de Tito Lívio com o Principado e sustenta uma datação para o *Praefatio* anterior ao fim da Guerra Civil. No entanto, aqui opta-se por seguir J. Moles (1994: 150-153) e V. M. Warrior (2006): o pessimismo da obra também está ligado a convenções herdadas pela tradição, logo é prudente ser cético em interpretá-lo como evidência sobre datação da sua escrita ou criticismo ao Principado.

Definidas tais constrições, delineio a seguir a trajetória de pesquisa aqui proposta. Primeiro, aborda-se o modelo de prefácio historiográfico do séc. V e algumas de suas principais características apontadas por comentadores

⁴ MARINCOLA, John, **Authority and Tradition in Ancient Historiography**, Cambridge: Cambridge University Press, 1997, p. 289-92 estabeleceu quadro ilustrativo de "continuadores" gregos e romanos, no qual Tito Lívio não aparece, pois seu escopo é narrar desde a fundação de Roma. Salústio, por sua vez, é considerado um continuador de Sisenna, Asellio e Catão, o velho.

⁵ WOODMAN, A. J., **Rhetoric in Classical Historiography: Four Studies**, London: Routledge, 1988, p. 70-146, afirma que Tito Lívio é seguidor do estilo retórico adequado à história definido por Cícero, tendo como modelo o estilo de Heródoto que se caracteriza pela "amplitude, mobilidade e fluência". O estilo de Salústio – "abrupto, breve e arcaizante" – foi relacionado a Tucídides, correlação que, como já mencionado, foi definida por Quintiliano (*Institutio Oratoria*, 10.1.101).

modernos, destacando o papel da rivalidade autoral e os critérios do pensamento histórico. Em seguida, analisa-se o *Praefatio* de *Ab Urbe Condita* de forma a evidenciar intertextualidade agonística com o referido modelo historiográfico grego, e com Salústio enquanto principal interlocutor de Lívio em contexto romano. Por fim, desdobram-se estas questões num quadro geral das estratégias persuasivas usadas por Lívio para conferir à sua história um valor didático e paradigmático.

O prefácio na historiografia Grega do séc. V

O fragmento inaugural do gênero historiográfico grego é uma aberta declaração de discordância (*FGrHist* 1 F1a):

Ἐκαταῖος Μιλήσιος ὧδε μυθεῖται· τάδε γράφω, ὥς μοι δοκεῖ ἀληθέα εἶναι· οἱ γὰρ Ἑλλήνων λόγοι πολλοὶ τε καὶ γελοῖοι, ὡς ἔμοι φαίνονται, εἰσὶν

Hecateu de Mileto assim diz: aqui escrevo o que me parece ser verdadeiro, pois os relatos dos gregos, como a mim se revelam, são muitos e ridículos.

Embora só conheçamos fragmentos desta obra,⁶ é evidente que sua estrutura foi adotada também nos prólogos de Heródoto e Tucídides, cujo conjunto estabeleceu um modelo (*Histórias* I. 1 e *História da Guerra do Peloponeso* I. 1):

Ἡροδότου Ἁλικαρνησέος ἱστορίας ἀπόδεξις ἦδε, ὡς μήτε τὰ γενόμενα ἐξ ἀνθρώπων τῷ χρόνῳ ἐξίτηλα γένηται, μήτε ἔργα μεγάλα τε καὶ θωμαστά, τὰ μὲν Ἕλλησι, τὰ δὲ βαρ- βάροισι ἀποδεχθέντα, ἀκλέα γένηται, τὰ τε ἄλλα καὶ δι' ἣν αἰτίην ἐπολέμησαν ἀλλήλοισι.

Esta é a apresentação da história/investigação de Heródoto de Halicarnasso, para que assim nem os feitos dos humanos se tornem esquecidos no tempo, e nem as obras grandes e maravilhosas realizadas tanto por helenos quanto por bárbaros não fiquem sem glória, e ainda, entre outras coisas, por qual causa guerrearam uns contra os outros.

⁶ Em português ver KOIKE, K., **Hecateu de Mileto e a Formação do Pensamento Histórico Grego**, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2013., em inglês, BERTELLI, Lucio, *Hecataeus: from Genealogy to historiography*, in: LURAGHI, Nino (Org.), **The Historian's Craft in the Age of Herodotus**, Oxford: Oxford University Press, 2001, p. 57-94.

Θουκυδίδης Ἀθηναῖος ξυνέγραψε τὸν πόλεμον τῶν Πελοποννησίων καὶ Ἀθηναίων, ὡς ἐπολέμησαν πρὸς ἀλλήλους, ἀρξάμενος εὐθύς καθισταμένου καὶ ἐλπίσας μέγαν τε ἔσεσθαι καὶ ἀξιολογώτατον τῶν προγεγενημένων, τεκμαιρόμενος ὅτι ἀκμάζοντές τε ἦσαν ἐς αὐτὸν ἀμφοτέροι παρασκευῇ τῇ πάσῃ καὶ τὸ ἄλλο Ἑλληνικὸν ὄρων ξυνιστάμενον πρὸς ἑκατέρους, τὸ μὲν εὐθύς, τὸ δὲ καὶ διανοούμενον.

Tucídides de Atenas escreveu a guerra dos Peloponésios e Atenienses e como guerrearam uns contra os outros, começando no momento da sua eclosão, esperando que ela se tornasse a maior e mais valorosa dos acontecimentos anteriores, conjecturando que ambos os lados estavam no auge das suas capacidades, e também vendo que os outros helenos alinhavam-se para um dos lados, seja diretamente ou ao menos intencionalmente.

L. Porciani⁷ estudou esta fórmula epistolar e seus vínculos com a epistolografia oriental, especialmente a enunciação em terceira pessoa – que intermedia relação entre remetente e destinatário – e o posterior deslizamento para a primeira pessoa – na qual o remetente toma a palavra para si. Porciani observa que tal fórmula pode ser oriunda da epistolografia oficial persa que divulgava os decretos em cada satrápia do Império Aquemênida, sempre em três línguas diferentes de acordo com cada região (na Jônia, a língua grega). Historiadores jônicos que trataram a questão persa, como Hecateu e Heródoto, podem ter sido influenciados por este contato com a epistolografia persa. A enunciação epistolar cumpre o papel de definir o proprietário e remetente do texto, o que ressalta a relação entre público e historiador, que soa como uma figura distante que envia uma mensagem. (PORCIANI, 1997: 44-52) Logo, a fórmula epistolar faz com que o historiador se apresente com o nome e a cidade de origem – como quem envia uma carta – o que colabora na sua caracterização como viajante ou exilado. Tais características são completamente ausentes no testemunho poético, por exemplo, cujo contexto de enunciação pressupõe certa proximidade ou mesmo uma comunhão entre *aedo* e público.⁸

⁷ PORCIANI, Leone, **La Forma Proemiale: Storiografia e Pubblico Nel Mondo Antico**, Pisa: Scuola Normale Superiore, 1997.

⁸ *Ibid.*, p. 55. Na épica a enunciação é plural: um “nós” que conjuga aedo (remetente), Musa (fonte de autoridade) e o público (que conhece, através do aedo, o que a Musa quer transmitir).

Neste mesmo tema da enunciação histórica, o historiador brasileiro T. C. Guterres⁹ explora o papel do selo autoral (*sphragís*) na obra de Heródoto, marcando a afirmação de individualidade e a situação de competição autoral com a poesia. Para Guterres, a manifestação autoral de Heródoto representa um claro desvio em relação ao canto poético, de forma a conceder uma nova concepção de “eu” autoral. Segundo Porciani (2017: 141-155), a forma epistolar será abandonada a partir do século IV quando a história se liga ao ensino de retórica, abrindo-se a uma forma de comunicação com um público mais amplo, e com uma abordagem mais institucionalizada, cujo estrutura é definida pelo ensino de retórica.¹⁰ Neste cenário, o prefácio historiográfico não deixará de ter caráter programático tanto na definição da autoridade e individualidade do historiador em constante rivalidade com outros, bem como o contraste com o saber poético será ainda relevante, como se verá na análise de Tito Lívio abaixo.

Francisco Murari Pires,¹¹ por sua vez, definiu seis critérios da historiografia antiga presentes nestes prefácios: (a) axiológicos (grandeza ou o valor dos eventos narrados); (b) teleológicos (finalidade e utilidade para o público-alvo); (c) onomasiológicos (enunciação do sujeito que confere autoridade ao narrado); (d) metodológicos (meios de discernimento da verdade); (e) arqueológicos (o início do evento narrado) e (f) etiológicos (as causas do evento). Estes critérios eram influenciados pela épica grega, especialmente homérica. A épica tem no seu prefácio a invocação das Musas cuja dimensão mística da relação entre *aedo* e divindade estabelece a autoridade do relato e a grandeza dos feitos narrados. A historiografia rompe com este procedimento ao desenvolver um “eu ajuizante” (PIRES, 1999: 205-207) que se enuncia no texto enquanto narrador intrusivo que hierarquiza o grau de fiabilidade das informações a partir do que ele viu, ouviu, julgou,¹² e partir daí todos os critérios são pautados por parâmetros diferentes

⁹ GUTERRES, Tiago, **Heródoto de Halicarnasso autoria e escrita da história**, Curitiba: Prismas, 2017, p. 68–82.

¹⁰ NICOLAI, Roberto, The Place of History in the Ancient World, *in*: MARINCOLA, John (Org.), **A companion to Greek and Roman historiography**, Malden: Blackwell, 2007, p. 19–23.

¹¹ PIRES, Francisco M., **Mithistória**, São Paulo: Humanitas/USP, 1999, cap. 7.

¹² Além da nota acima, ver HARTOG, , L’oeil de l’historien et la voix de l’histoire, **Communications**, v. 43, p. 55–69, 1986; BERTELLI, Hecataeus: from Genealogy to historiography, p. 80–84. e DEWALD, C., I didn’t give my own genealogy: Herodotus and the authorial personal, *in*: BAKKER, E. J.; JONG, J. F.; WEES, H. (Orgs.), **Brill’s Companion to Herodotus**, Leiden: Brill, 2002, p. 268–275.

daquele da poesia. Não abordarei aqui em detalhe todos os critérios definidos por Pires, mas ressaltarei ao longo da análise do *Praefatio* o modo como Tito Lívio reage aos quatro primeiros critérios (axiológico, teleológico, onomasiológico e metodológico).

Se prefácios possuem papel fulcral na formação autoral de historiadores, é importante considerar o estudo de J. Marincola¹³ sobre a noção de autoridade na historiografia antiga. Nas reivindicações de competência para narrar os eventos do passado, o historiador antigo constrói uma *persona* persuasiva na qual a audiência pode encontrar credibilidade. Marincola aborda como autores se situam na tradição a partir da imitação criativa e criticismo de predecessores, no qual se evidencia o aspecto da intertextualidade agonística¹⁴ entre historiadores. Desta forma, além dos critérios definidos por Pires, aborda-se como Tito Lívio constrói sua personalidade autoral no *Praefatio* ao mesmo tempo em que contrasta sua empresa literária com outros historiadores, especialmente Salústio e o próprio cânone historiográfico do século V.

Os critérios historiográficos de Tito Lívio

Nas suas primeiras linhas, Tito Lívio revela certa modéstia ou incerteza sobre a vindoura fortuna crítica da sua obra (*Praefatio* 1–3):

[1] Facturusne operae pretium sim si a primordio urbis res populi Romani perscripserim nec satis scio nec, si sciam, dicere ausim, [2] quippe qui cum ueterem tum volgatam esse rem videam, dum noui semper scriptores aut in rebus certius aliquid allaturos se aut scribendi arte rudem uetustatem superaturos credunt. [3] Vt cumque erit, iuuabit tamen rerum gestarum memoriae principis terrarum populi pro uirili parte et ipsum consuluisse; et si in tanta scriptorum turba mea fama in obscuro sit, nobilitate ac magnitudine eorum me qui nomini officient meo consoler.

[1] Se terei bons resultados escrevendo a história do povo romano desde a fundação da cidade, não sei ainda, e se

¹³ MARINCOLA, **Authority and Tradition in Ancient Historiography**, p. 1–11.

¹⁴ Termo cunhado pelo egiptólogo alemão Jan ASSMANN, Jan, **Das kulturelle Gedächtnis: Schrift, Erinnerung und politische Identität in frühen Hochkulturen**, München: Beck, 1992, p. 286. Ver também suas aplicações na historiografia grega por BERTELLI, Hecataeus: from Genealogy to historiography, p. 68–69., e CONDILO, Camila, Agonistic intertextuality: Herodotus' engagement with Hecataeus on genealogies, **JAH**, v. 5, n. 2, p. 228–279, 2017.

soubesse, não ousaria dizer, [2] pois percebo que este assunto é tão antigo quanto conhecido na medida em que novos escritores sempre acreditam que podem ou acrescentar algo mais seguro aos fatos ou superar a rudeza antiga na arte de escrever. [3] Seja como for, será um prazer celebrar, com meus próprios recursos, a memória dos feitos do povo mais poderoso da terra; e se na grande multidão de escritores a minha reputação cair obscura, que eu me console com o renome e a grandeza daqueles que ofuscam meu nome.¹⁵

Nestas linhas marcadas por forte conotação autoral, o narrador chama atenção repetidamente sobre si mesmo e sua empresa literária: são seis usos de verbos na primeira pessoa somente na primeira sentença.¹⁶ Como mencionado, o hábito epistolar de mencionar no texto o nome do autor em terceira pessoa para depois deslizar para a primeira pessoa já havia sido abandonado depois de Tucídides, provavelmente sob influência de uma história ligada à retórica, na qual sua função educativa e moralizante se consolida.¹⁷ Logo, o princípio onomasiológico consiste na enunciação das credências do historiador para narrar os fatos e educar a audiência, e a partir deste objetivo que se deve interpretar a aparente humildade de Tito Lívio em duvidar se ele conseguirá bons resultados na sua empresa literária: desde a primeira linha ele começa a elaborar a *persona* de escritor habilidoso e humilde que nada mais faz do que transmitir a grandeza e a virtude que se pode encontrar na narração do passado romano.

A suposta insegurança que o autor expressa se revela, no decorrer do texto, um sofisticado esforço persuasivo de construção da sua autoridade, no qual o autor enuncia a longa tradição de rivalidade entre historiadores ("multidão de escritores", *in tanta scriptorum turba*). Tito Lívio apresenta-se ao leitor simultaneamente com humildade autoral e habilidade retórica. Percebe-se o eco de Hecateu ao mencionar criticamente relatos antecessores como a própria

¹⁵ Tradução própria. Foram consultadas edições de **Livy: Books I and II**, Cambridge: Harvard University Press, 1919., **The History of Rome, Livy Books 1-5**, Indianapolis: Hackett Publishing Company, 2006. (em inglês) e **Tito Lívio. História de Roma desde a fundação da cidade. Livro I - A Monarquia**, Belo Horizonte: Crisálida, 2008 (português), e também o comentário de OGILVIE, R. M., **A Commentary on Livy Books 1-5**, Oxford: Clarendon Press, 1965.

¹⁶ Na primeira sentença temos "*sim*", "*perscripserim*", "*scio*", "*sciam*" "*ausim*" e "*videam*". No total, a primeira do pessoa é usada quatorzes vezes no *Praefatio*, ver MOLES, *Livy's Preface*, p. 141.

¹⁷ PORCIANI, **La Forma Proemiale: Storiografia e Pubblico Nel Mondo Antico**, p. 87-106.

motivação para a escrita (*FGrHist* 1 F1a, οἱ γὰρ Ἑλλήνων λόγοι πολλοὶ τε καὶ γελοῖοι), mas com sofisticação retórica muito maior, pois enquanto Hecateu reivindica apenas preocupar-se com a verdade (ὥς μοι δοκεῖ ἀληθέα εἶναι), Lívio admite que todos escritores a buscam, bem como a fluência na escrita, e que o melhor deles haverá de alcançar fama precisamente porque há intensa competição, já que por *nouí scriptores* Lívio tem como alvo inclusive futuros historiadores.¹⁸ Nesta manobra retórica, ele apresenta a si mesmo como alguém preocupado com o espírito público, de forma que os leitores futuros tenham o melhor relato em mãos, mesmo que não seja o dele.¹⁹ A aparente humildade é já *performance* elaborada das suas credenciais enquanto escritor habilidoso, elaborando criativamente o princípio onomasiológico da sua formação autoral.

Tais linhas iniciais também estabelecem a grandeza dos fatos narrados (*rerum gestarum memoriae principis terrarum populi pro uirili*), ou seja, aquilo que Pires (1999) definiu como princípio axiológico. Ogilvie (1965: 25) vê eco de Heródoto (*Histórias* I.1, ἔργα μεγάλα τε καὶ θυμαστά), e Tucídides (*História da Guerra do Peloponeso* I.1 μέγαν (...) καὶ ἀξιολογώτατον τῶν προγεγενημένων), enquanto Marincola (1997: 40-41) nota que esta amplificação do povo romano como objeto de maior grandeza para a escrita da história é comum também a Diodoro e Dionísio. Lívio contrasta sua aparente humildade com a grandeza do seu objeto, preanunciando a estratégia retórica na qual tal grandeza torna tolerável a narração de aspectos questionáveis das origens de Roma.

Outro elemento importante, e que coaduna a relação com a épica na formulação dos critérios históricos, foi notado já por Quintiliano (*Institutio Oratoria* 9.4.74): as primeiras linhas do *Praefatio* formam um hexâmetro dactílico. Tal emulação entre história e épica está para além da forma: a metáfora de um escritor que cai no obscurantismo para dar fama a outro escritor é análoga ao guerreiro que cai no campo de batalha para dar fama a outro herói épico.²⁰ A relação com a épica retornará ao texto depois, mas sigamos o *Praefatio* (4–5):

¹⁸ WOODMAN, *Rhetoric in Classical Historiography: Four Studies*, p. 130.

¹⁹ MOLES, *Livy's Preface*, p. 143–144.

²⁰ *Ibid.*, p. 145–146.

[4] Res est praeterea et immensi operis, ut quae supra septingentesimum annum repetatur et quae ab exiguis profecta initiis eo creuerit ut iam magnitudine laboret sua; et legentium plerisque haud dubito quin primae origines próximae que originibus minus praebitura voluptatis sint, festinantibus ad haec noua quibus iam pridem praeualentis populi uires se ipsae conficiunt [5]: ego contra hoc quoque laboris praemium petam, ut me a conspectu malorum quae nostra tot per annos uidit aetas, tantisper certe dum prisca [tota] illa mente repeto, avertam, omnis expertis curae quae scribentis animum, etsi non flectere a vero, sollicitum tamen efficere posset.

[4] Além disso, o assunto é uma tarefa imensa porque remonta a setecentos anos, e porque a partir de um começo frágil [Roma] cresceu de tal forma que está agora sofrendo com sua própria grandeza; não tenho dúvida que as remotas origens e os fatos próximos a elas causariam menos prazer para muitos dos leitores que se apressam para estes tempos recentes nos quais o mais poderoso dos povos tem destruído a si mesmo; [5] eu, ao contrário, procurarei também nisto recompensa ao trabalho, pois durante o tempo que minha atenção volta-se ao antigo, me afasto da visão destes males que nosso tempo tem visto por tantos anos, ficando livre de todas preocupações que mesmo que não desviem da verdade a mente do escritor, podem perturbá-lo.

Tito Lívio responde aqui a duas tendências da tradição: as dificuldades da escrita historiográfica e sua utilidade no presente, encadeando assim os princípios metodológicos e teleológicos. É um hábito da historiografia antiga destacar sua dificuldade: Heródoto a menciona de passagem (III. 115), enquanto Tucídides explora tais dificuldades do fazer histórico no trecho conhecido como “Metodologia” (I. 22) no qual afirma que recordar os discursos e as batalhas é difícil (*χαλεπός*) e trabalhoso (*ἐπίπνοος*). Tal tendência persistirá na tradição, normalmente associando tal dificuldade tanto às viagens e inquéritos necessários à história quanto ao estilo da escrita.²¹ No caso de Tito Lívio, a imensa obra (*immensi operis*) está na grandeza tanto cronológica quanto axiológica do tema, e nesta grandeza ele busca a recompensa ao esforço (*laboris praemium*).

Não sendo um autor afeito às reflexões metodológicas, Tito Lívio passa imediatamente ao tema da utilidade da história, no qual a intertextualidade com a tradição do séc. V é presente, mas com rupturas claras. Tucídides (I. 20–21) deixa

²¹ MARINCOLA, **Authority and Tradition in Ancient Historiography**, p. 152–157.

claro que existe mais acurácia na investigação de eventos recentes do que nos antigos, que se esvanecem no tempo e tornam impossíveis o inquérito das testemunhas, e por isso a história recente acaba por tornar-se mais acurada e mais útil ao leitor. Tito Lívio rompe abertamente com esta noção e inverte totalmente o argumento: critica os leitores apressados (*festinantibus*) que preferem os eventos recentes aos antigos. O elogio das origens contrasta com a descrição pessimista do período recente, o que levou à discussão sobre a relação da obra com a Guerra Civil dos herdeiros de César e o Principado.²² Para Tito Lívio a antiguidade romana negligenciada por historiadores, provavelmente Salústio entre eles, é convidativa justamente por afastar o autor e os leitores das perturbações do período recente. Segundo Porciani (1997: 109-111) o caráter moral e paradigmático do passado, em contraste com a decadência do presente, domina a utilidade da história liviana e deixa em segundo plano as questões metodológicas, isto é, a baixa confiança das informações disponíveis sobre o passado distante. O próprio Lívio reforça esta distinção no Livro VI: o “segundo prefácio” que separa os eventos antes e depois do saque gaulês e do incêndio de Roma. Lívio sabe que as informações anteriores a este incêndio são pouco confiáveis, mas nem por isso este passado remoto perde seu valor paradigmático enquanto exemplo fundamental para compreender a grandeza de Roma.

Com notável habilidade persuasiva, o historiador desembaraça-se novamente das dificuldades metodológicos no trecho 6–8 do *Praefatio*:

[6] Quae ante conditam condendamue urbem poeticis magis decora fabulis quam incorruptis rerum gestarum monumentis traduntur, ea nec adfirmare nec refellere in animo est. [7] Datur haec uenia antiquitati ut miscendo humana diuinis primordia urbium augustiora faciat; et si cui populo licere oportet consecrare origines suas et ad deos referre auctores, ea belli gloria est populo Romano ut cum suum conditorisque sui parentem Martem potissimum ferat, tam et hoc gentes humanae patientur aequo animo quam imperium patiuntur.

[6] Da própria fundação da cidade e o que antecede, a intenção é nem afirmar nem refutar as tradições transmitidas mais com adornos poéticos do que com a memória conservada dos fatos

²² Ver acima página 2, no qual menciono alguns dos principais estudos sobre este tema. Reforço que opto pelo ceticismo em tentar interpretar tal pessimismo como argumento sobre a relação entre o autor e o Principado que, ao que tudo indica, é complexa e ambivalente.

ocorridos. [7] Esta concessão é dada à antiguidade que, misturando as coisas humanas com as divinas, tornam sagradas as origens das cidades. E se convém permitir a qualquer povo consagrar as próprias origens e adotar deuses como fundadores, tanta é a glória militar do povo Romano que se permita adotar o poderosíssimo Marte como fundador e pai, de forma que os povos humanos suportem isto com a mesma disposição com que suportam o domínio [romano].

Mais uma vez, é a grandeza do objeto da narrativa que desaloja o peso das dificuldades metodológicas da descoberta do passado remoto, que aqui fazem eco ao criticismo tanto de Heródoto quanto Tucídides aos poetas. No começo do *Praefatio*, esta grandeza servia de conforto ao escritor que admitia poder cair na obscuridade caso alguém se demonstrasse mais digno do que ele em narrar este tema grandioso. Em seguida, a grandeza romana autoriza-o a tratar com indiferença metodológica a antiguidade de Roma engendradas poeticamente, cabendo aos povos dominados – e aqui provavelmente ele se refere especialmente aos gregos – aceitar tais origens supostamente divinas da cidade.

Em suma, dos quatro critérios historiográficos clássicos, Tito Lívio subordina a sua apresentação enquanto escritor humilde e habilidoso (critério onomasiológico) e as dificuldades de descobrir o passado antigo (critério metodológico) à questão da grandeza dos fatos narrados encarnada na dominação romana dos povos, inclusive os gregos, (critério axiológico) e a função pedagógica e moralizante deste passado grandioso (critério teleológico). Como já visto, esta grandeza é também motivo de dificuldades no presente (*magnitudine labore sua*), fazendo com que o escritor prefira mergulhar no passado antigo para evitar contemplar as perturbações do passado recente, provavelmente referindo-se às guerras civis que lhe são contemporâneas. Logo, o componente central desta nova abordagem é justamente esta ideia de decadência que será abordada a seguir.

Tito Lívio e Salústio sobre a decadência romana

No restante do *Praefatio* predominará a dialética entre a grandeza de Roma e a utilidade em conhecer o passado antigo justamente porque afasta o autor (e o leitor) da decadência romana. Este é o aspecto central do diálogo de Tito Lívio com Salústio, que também teve na ideia de decadência um elemento

central da sua história. No entanto, Lívio não apenas despreza o apego ao passado recente, que definira a abordagem salustiana, como pretende oferecer abordagem melhor da decadência de Roma e do seu "remédio", isto é, a própria história. Vejamos o texto do *Praefatio* 8–9:

[8] sed haec et his similia utcumque animaduversa aut existimata erunt haud in magno equidem ponam discrimine: [9] ad illa mihi pro se quisque acriter intendat animum, quae uita, qui mores fuerint, per quos uiros quibusque artibus domi militiaeque et partum et auctum imperium sit; labente deinde paulatim disciplina uelut desidentes primo mores sequatur animo, deinde ut magis magisque lapsi sint, tum ire coeperint praecipites, donec ad haec tempora quibus nec uitia nostra nec remedia pati possumus perventum est.

[8] Mas, estas e outras coisas semelhantes, como quer que sejam observadas ou examinadas, não as terei em grande consideração; [9] de minha parte, que cada um tente compreender que tipo de vida e costumes existiam; por quais varões e com quais habilidades, senhoriais e militares, o domínio [romano] surgiu e cresceu; então, tendo aos poucos afrouxado a disciplina, assim como, primeiro, os costumes foram enfraquecidos na mente, em seguida, negligenciados cada vez mais, e então, começaram a deixar cair [em desuso], até o tempo presente no qual não suportamos nem os nossos vícios nem os remédios que temos.

Tal como os critérios onomasiológico e metodológico estão subordinados ao axiológico, este por sua vez está subordinado à finalidade teleológica da história: conhecer os costumes e a vida que trouxe aos Romanos o domínio sobre tantos povos, inclusive os gregos cuja historiografia lhes serve de modelo. Além disso, foi o abandono destes costumes antigos que levaram a uma contemporaneidade decadente. Esta finalidade da escrita da história de restaurar a virtude do passado é formada por um vocabulário oriundo da medicina antiga compartilhada com a historiografia clássica, e a noção da história como fonte de "*remedia*" já aparece em Salústio.²³

²³ Sobre história e medicina ver MOMIGLIANO, Arnaldo, History between medicine and rhetoric, *Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa. Classe di Lettere e Filosofia*, v. 15, n. 3, p. 767–780, 1985.. Sobre metáforas médicas em Tito Lívio e sua intertextualidade com Salústio ver WOODMAN, *Rhetoric in Classical Historiography: Four Studies*, p. 133; MOLES, Livy's Preface, p. 148–149 e BURTON, Livy's Preface and its Historical Context, p. 80–84.

Salústio abordou a ideia de decadência romana no prefácio das suas duas obras das quais dispomos inteiramente, a *Bellum Jugurthinum* – que trata da guerra contra Jugurta na Numídia e apresenta o surgimento das figuras de Mário e Sula ao cenário político romano e a rivalidade entre ambos que marcará a primeira guerra civil romana – e também *Bellum Catilinae*, sobre a famosa conspiração de Catilina combatida por Cícero. Além destas, Salústio escreveu a *Histórias* da qual restam apenas fragmentos, mas há consenso que tal obra também abordava a história recente de Roma com um tom predominantemente pessimista e decadente.²⁴ Woodman (1988: 124-125) sustenta que Salústio escreveu no exílio quando seus “heróis” e aliados, especialmente Cícero e Pompeu, já estavam mortos, portanto, sua história era uma forma de alcançar vingança e expressar seu dissenso com os rumos de Roma. Lívio compartilha do pessimismo em relação ao presente, mas ao contrário de Salústio que escreve sobre o passado recente, ele identifica na sua escrita da história a cura possível para os males contemporâneos, equilibrando assim seu pessimismo com objetivos didáticos.²⁵ Assim, Lívio retoma temas de outros historiadores, mas sempre contrapondo-se: as mesmas referências e vocabulário para apresentar algo mais eloquente e, portanto, mais virtuoso e educativo.

Os autores citados acima são unânimes ao mencionar que o elemento central da intertextualidade entre os dois autores latinos é justamente o pessimismo e a metáfora médica sobre a finalidade da escrita da história.²⁶ Se ao fim da passagem 9 do *Praefatio* Tito Lívio expressa que tanto os *vitia* quanto os *remedia* são difíceis de suportar, o trecho seguinte trata justamente da ruptura deste ciclo de decadência a partir do elemento saudável oferecido pela própria história. Vejamos o *Praefatio* 10–11:

[10] hoc illud est praecipue in cognitione rerum salubre ac frugiferum. omnis te exempli documenta in inlustri posita

²⁴ OGILVIE, **A Commentary on Livy Books 1-5**, p. 23–24; MOLES, *Livy's Preface*, p. 155–156; BURTON, *Livy's Preface and its Historical Context*, p. 75–77.

²⁵ BURTON, *Livy's Preface and its Historical Context*, p. 85–86; MOLES, *Livy's Preface*, p. 161–162.

²⁶ O pessimismo de Tito Lívio, bem como os “*remedia*”, foram relacionados com Augusto ou alguma medida específica do seu regime, o que leva à questão da datação do *Praefatio* aqui abordada. Para discussões ver WOODMAN, **Rhetoric in Classical Historiography: Four Studies**, p. 128–129; 138–139; MOLES, *Livy's Preface*, p. 152–153; BURTON, *Livy's Preface and its Historical Context*, p. 72–73; 81–83.

monumento intueri; inde tibi tuaeque rei publicae quod imitere capias, inde foedum inceptu foedum exitu quod uites. [11] ceterum aut me amor negotii suscepti fallit, aut nulla unquam res publica nec maior nec sanctor nec bonis exemplis ditior fuit, nec in quam [civitatem] tam serae avaritia luxuriaque immigrauerint, nec ubi tantus ac tam diu paupertati ac parsimoniae honos fuerit. adeo quanto rerum minus, tanto minus cupiditatis erat;

[10] Eis o que é especialmente saudável e fecundo no conhecimento dos fatos: contemplar todas as lições dos nobres exemplos presentes na tradição. Daí tome como exemplo de imitação para si e para os assuntos públicos; daí evite a corrupção no início e no fim. [11] De resto, ou o amor à tarefa que iniciei me engana, ou jamais houve Estado maior, mais consagrado ou mais rico em bons exemplos; no qual a avareza e a luxúria imigraram tão tardiamente para a cidade, no qual em todos lugares e dias houve tanto respeito pela simplicidade e pela parcimônia. Assim, quanto menos patrimônio, menos ganância.

Em suma, são os bons exemplos que constituem o elemento saudável e fecundo da história, de acordo com a metáfora médica da história enquanto *remedia*. De fato, toda a narrativa está organizada em torno dos bons e maus exemplos de personagens e suas qualidades nocivas (*avaritia*, *luxuria* etc.) ou saudáveis (*prudencia*, *pudicitia* etc.).²⁷ Alguns autores chegam ao ponto de identificar em cada livro uma virtude moral norteadora da narrativa, como *moderatio* no Livro 3 e *pietas* no Livro 5.²⁸ No entanto, outros ressaltam que no *Praefatio* Tito Lívio não menciona *ambitio*, justamente o elemento central da decadência salustiana, notando a competição e intertextualidade agonística entre eles.²⁹ Tal ausência denotaria como Lívio procura superar a abordagem de Salústio dentro do espírito agonístico e de emulação.

O trecho final do *Praefatio* 12–13 segue o mesmo tom decadente e pessimista, mas atenuado com um pedido de bons augúrios que faz eco à poesia épica e ao caráter sagrado que Lívio concede ao seu objeto. Mais uma vez é a grandeza romana que convida estes elementos poéticos e sagrados a habitar o mundo da narração histórica:

²⁷ WALSH, P. G., *Livy's Preface and the Distortion of History*, *The American Journal of Philology*, v. 76, n. 4, p. 369–383, 1955, p. 370–383; BURTON, *Livy's Preface and its Historical Context*, p. 83–84.

²⁸ WOODMAN, *Rhetoric in Classical Historiography: Four Studies*, p. 137.

²⁹ OGILVIE, *A Commentary on Livy Books 1-5*, p. 23–24; WOODMAN, *Rhetoric in Classical Historiography: Four Studies*, p. 131; MOLES, *Livy's Preface*, p. 155–156.

[12] nuper diuitiae auaritiam et abundantes voluptates desiderium per luxum atque libidinem pereundi perdendique omnia inuexere. sed querellae, ne tum quidem gratiae futurae cum forsitan necessariae erunt, ab initio certe tantae ordiendae rei absint: [13] cum bonis potius ominibus uotisque et precationibus deorum dearumque, si, ut poetis, nobis quoque mos esset, libentius inciperemus, ut orsis tantum operis successus prosperos darent.

[12] Nos dias de hoje, as riquezas levam à avareza, e os excessivos divertimentos ao desejo de consumir-se pelo excesso e pelo prazer, e assim tudo destruir. Porém, que fiquem afastadas do início da obra as reclamações, que não são bem-vindas nem quando necessárias. [13] Nos agrada começar com bons augúrios, votos e orações aos deuses e deusas, assim como os poetas fariam, o que concederia uma sequência favorável a tão importante obra.

Ao retornar o tom épico, sagrado e poético, Tito Lívio dá continuidade à ideia de competição com a épica, mas ofuscando a distinção entre épica e história, na qual esta última procurava desvencilhar-se da autoridade ligada à invocação às musas para dar ênfase ao juízo do historiador no discernimento da verdade. Lívio utiliza verbos no subjuntivo imperfeito da língua latina para afirmar que se fosse ele um poeta faria os mesmos procedimentos rituais para estabelecer os bons augúrios de deuses e deusas, e assim garantir o sucesso da obra, reforçando mais uma vez que as questões metodológicas estão em segundo plano. Ao mesmo tempo, ele desvencilha-se do tom pessimista que envolvera boa parte do *Praefatio*, de forma a encerrar com um tom mais positivo que condiz com o objetivo curativo e restaurador da sua história.

Com estes recursos retóricos, Tito Lívio tenta se destacar na multidão de escritores através da habilidade persuasiva e estilística. A estratégia consiste em causar ansiedade no leitor diante dos problemas contemporâneos, para em seguida oferecer como remédio os exemplos antigos, isto é, o valor paradigmático e pedagógico de sua história. Logo, este encerramento positivo do *Praefatio* se apoia na busca de exemplos que possam reviver a grandeza romana, (re)apresentada através da escrita da história de acordo com seus valores morais e paradigmáticos. A singularidade e a grandeza romana tornam tolerável o recurso aos deuses e deusas tais como fariam os poetas.

Conclusão

Em suma, o *Praefatio* de Tito Lívio dialoga tanto com a tradição grega quanto interlocutores romanos, especialmente Salústio, de forma a vincular-se na tradição historiográfica ao mesmo tempo que tenta nela se destacar (*si in tanta scriptorum turba mea fama in obscuro sit, nobilitate ac magnitudine eorum me qui nomini officient meo consoler*). Nesta distinção, ele rejeita o apego salustiano ao passado contemporâneo, de cujos exemplos negativos e nocivos ele deseja afastar-se, para buscar melhores exemplos no passado remoto de Roma. Por conta disso, Lívio precisa responder às dificuldades metodológicas em descobrir com precisão o ocorrido no passado remoto, já que Tucídides estabelecera que a história recente tende a ser mais apurada e próxima da verdade que os relatos sobre o passado distante no tempo, associado aos excessos mitográficos e poéticos. Lívio desvencilha-se disto ao estabelecer que a singular grandeza (critério axiológico) do seu objeto – Roma e seu império, cujo domínio se estende sobre os gregos que lhes servem de modelo – e sua função pedagógica (critério metodológico) torna tolerável a consagração divina de suas origens e o pedido de bons augúrios divinos ao sucesso da sua obra.

A estratégia persuasiva se amarra a partir da ideia de decadência, e consiste em causar ansiedade no leitor diante dos problemas da contemporâneos – que alguns estudiosos relacionam às guerras civis dos herdeiros de César, mas pode tratar-se de um pessimismo mais geral e corrente na tradição historiográfica – para então oferecer como remédio a própria escrita da história e sua busca por bons e maus exemplos no passado. Esta combinação de exaltação épica do povo romano e sua estreita relação com a função pedagógica da história enquanto manancial de *exempla*, encontrará reverberações futuras no humanismo europeu de caráter nacionalista, inclusive português.³⁰

Por fim, a modéstia ambígua de Tito Lívio no começo do *Praefatio* contrasta com a forma arrojada com que estabelece suas credenciais autorais e a

³⁰ SOARES, Nair Castro, Humanismo e História: ars scribendi e valor do paradigma, **Mathesis**, n. 1, p. 153–169, 1992, p. 153–160; SOARES, Nair Castro, A história opus oratorium e “espertador do entendimento”, *in*: SOARES, N. C.; MIRANDA, M.; URBANO, C. M. (Orgs.), **Homo eloquens, homo politicus. A retórica e a construção da cidade na Idade Média e no Renascimento**, Coimbra: Classica Digitalia, 2011, p. 132–133.

grandeza do seu objeto: o povo romano. Assim, o escritor vincula-se ao tema cuja relevância é descrita como consensual, tornando a si mesmo como parte integrante desta grandeza narrada a partir do seu registro autoral. Assim, pode-se concluir com a epígrafe deste trabalho, colhida em Quintiliano (*Institutio Oratoria* 10 1.31): a história serve tanto à memória da posterioridade quanto à fama do escritor, que ainda que não escreva para uma ação disputada no presente, disputa a memória no interior da tradição através da sua habilidade persuasiva. A aparente modéstia de Tito Lívio transmuta-se numa eloquente audácia, um desafio contra historiadores adversários do futuro: que alguém se revele, no campo de batalha da escrita da história, melhor e mais habilidoso escritor do que ele próprio.

Referências

- ASSMANN, Jan. **Das kulturelle Gedächtnis: Schrift, Erinnerung und politische Identität in frühen Hochkulturen**. München: Beck, 1992.
- BERTELLI, Lucio. Hecataeus: from Genealogy to historiography. //: LURAGHI, Nino (Org.). **The Historian's Craft in the Age of Herodotus**. Oxford: Oxford University Press, 2001, p. 57–94.
- BURTON, Paul J. Livy's Preface and its Historical Context. **Scholia**, v. 17, p. 70–91, 2008.
- CONDILLO, Camila. Agonistic intertextuality: Herodotus' engagement with Hecataeus on genealogies. **JAH**, v. 5, n. 2, p. 228–279, 2017.
- DEWALD, C. I didn't give my own genealogy: Herodotus and the authorial personal. //: BAKKER, E. J.; JONG, J. F.; WEES, H. (Orgs.). **Brill's Companion to Herodotus**. Leiden: Brill, 2002.
- GUTERRES, Tiago. **Heródoto de Halicarnasso autoria e escrita da história**. Curitiba: Prismas, 2017.
- HARTOG, François. L'oeil de l'historien et la voix de l'histoire. **Communications**, v. 43, p. 55–69, 1986.
- KOIKE, K. **Hecateu de Mileto e a Formação do Pensamento Histórico Grego**. Universidade de Coimbra, Coimbra, 2013.
- MARINCOLA, John. **Authority and Tradition in Ancient Historiography**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- MOLES, John. Livy's Preface. **Proceedings of the Cambridge Philological Society**, v. 39, p. 141–168, 1994.

MOMIGLIANO, Arnaldo. History between medicine and rhetoric. **Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa. Classe di Lettere e Filosofia**, v. 15, n. 3, p. 767–780, 1985. (III).

NICOLAI, Roberto. The Place of History in the Ancient World. *In*: MARINCOLA, John (Org.). **A companion to Greek and Roman historiography**. Malden: Blackwell, 2007, p. 13–26.

OGILVIE, R. M. **A Commentary on Livy Books 1-5**. Oxford: Clarendon Press, 1965.

PIRES, Francisco M. **Mithistória**. São Paulo: Humanitas/USP, 1999.

PORCIANI, Leone. **La Forma Proemiale: Storiografia e Pubblico Nel Mondo Antico**. Pisa: Scuola Normale Superiore, 1997.

SOARES, Nair Castro. A história opus oratorium e “espertador do entendimento”. *In*: SOARES, N. C.; MIRANDA, M.; URBANO, C. M. (Orgs.). **Homo eloquens, homo politicus. A retórica e a construção da cidade na Idade Média e no Renascimento**. Coimbra: Classica Digitalia, 2011, p. 117–152.

SOARES, Nair Castro. Humanismo e História: ars scribendi e valor do paradigma. **Mathesis**, n. 1, p. 153–169, 1992.

WALSH, P. G. Livy’s Preface and the Distortion of History. **The American Journal of Philology**, v. 76, n. 4, p. 369–383, 1955.

WOODMAN, A. J. **Rhetoric in Classical Historiography: Four Studies**. London: Routledge, 1988.

Livy: Books I and II. Trad. B. O. FOSTER. Cambridge: Harvard University Press, 1919.

The History of Rome, Livy Books 1-5. Trad. Valerie M. WARRIOR. Indianapolis: Hackett Publishing Company, 2006.

Tito Lívio. História de Roma desde a fundação da cidade. Livro I - A Monarquia. Trad. Mônica Costa VITORINO. Belo Horizonte: Crisálida, 2008.

Recebido em: 15.07.2019

Aprovado em: 31.07.2019